

Futuros



possíveis:

algumas impressões
sobre ações afirmativas
e o cinema negro

POR **GABRIEL MARTINS***



EU NUNCA PENSEI que editais públicos eram para mim. Essa era a mentalidade, algo que eu também ouvia nos idos de 2005, quando efetivamente comecei a estudar e fazer filmes. Morando em Contagem, estudando em Belo Horizonte e entendendo o que era cinema brasileiro, acessar um fundo público, sinônimo de burocracia, me parecia um processo distante. Era distante a ponto de sequer se manifestar em um desejo ou um movimento concreto de vida. Não era para mim, simplesmente.

Hoje, 18 anos depois, tento voltar àquele jovem um tanto desiludido – apesar de extremamente apaixonado e obcecado pela sétima arte – para entender que tipo de sentimento o afastava do dinheiro público. Em retrospecto, sinto que o meu pensamento ia além das burocracias – dizia mais sobre uma ideia de que o cinema em geral não era para mim. O cinema era uma arte da elite, feita pela elite, controlada pela elite. Eu não me sentia convidado por ela, apesar de saber, com todas as minhas forças, que ela fazia parte de mim. Me diziam, e eu acreditava, que, para ganhar um edital, era preciso conhecer uma ou outra pessoa e entrar em um jogo de cartas marcadas. Bom, eu não estava totalmente errado. Mas me vi corrigido pelo próprio acontecimento de ter sido selecionado por um bom roteiro, com boas ideias, com uma defesa apaixonada que, felizmente, levou a um projeto que amo muito – o curta *Dona Sônia pediu uma arma para seu vizinho Alcides* – ser contemplado no edital estadual *Filme em Minas*, em 2009.

O cinema no qual me formei era, além de elitizado, racista. As pretas e os pretos estavam em triste minoria. Tínhamos tão pouca voz que, quando o tema era debatido, normalmente era destinado a uma sala alternativa, menor, fora do foco central. Um cinema racista na prática, com muita gente tentando modificar isso mas, ao longo do tempo, com menos resultados do que nós merecíamos.

O cinema no qual entrei como profissional viu a Ancine, o Ministério da Cultura, o Fundo Setorial do Audiovisual crescerem e evoluírem em suas práticas que, aos poucos, beneficiaram, de alguma forma, produtoras emergentes como a minha, a *Filmes de Plástico*. Políticas de arranjos regionais, de filmes de baixo orçamento, de núcleos criativos, de apoio para viagens a festivais nos permitiram vivenciar o cinema que, se lá atrás não parecia ter sido feito para nós, periféricos e negros, pôde ser acessado e nos possibilitar criar uma rede de contatos fundamental para a realização de nossas obras.

Todos esses elogios que faço não devem mascarar os desafios e os problemas que a luta da política pública traz. Contemplar a diversidade brasileira, as múltiplas realidades de produção e, junto a isso, navegar por mares tempestuosos da natureza política de um país que renova suas crises, é um desafio diário. De toda forma, ainda sinto ser importante enfatizar a força da política pública, principalmente para a criatividade do artista brasileiro. Falo isso, pois sinto nos últimos anos uma descrença (legítima, claro) que leva alguns a entenderem a indústria de capital privado como uma solução para os tempos de crise, os *streamings* e as grandes produtoras como um barco a resgatar “criativos” que talvez hoje compartilhem de maneira renovada a mesma desilusão que eu carregava no passado.

Se tem algo que a atual crise de gestão norte-americana, escancarada pelas greves do *Writers Guild* e *Screen Actors Guild*, aponta é que uma estrutura de poder que se distancia cada vez mais da base termina por se ancorar em um cinismo que é selvagem e bruto, adoecendo toda uma cadeia de produção. Eu, de cá, prefiro sintonizar em uma estrutura da qual efetivamente podemos fazer parte. A política pública, mesmo com todas suas aberrações, é – ou pode ser – do povo.

Tive duas experiências com políticas afirmativas do Ministério da Cultura, por meio do *Edital Curta Afirmativo* e, logo após, no *Longa Afirmativo*. Os fundos possibilitaram a realização do curta-metragem *Nada* e do longa-metragem *Marte Um*, que são, dentre os filmes que dirigi, os mais bem sucedidos em seus respectivos formatos. Queria muito dividir com quem está lendo o que significou para mim, num âmbito muito pessoal, ganhar esses editais especificamente. Lembro que senti, antes de tudo, a abertura dos editais como o marco de um novo momento para o cinema no qual talvez seria possível pensarmos raça e um projeto de cinema negro com mais seriedade e efetividade. Mas acho que, para além disso, esses editais acompanhavam também um movimento de mundo e de cinema no qual o ser negro parecia ter outro peso na sociedade. Fomos construindo debates e discussões, levantando pautas e o cinema foi vendo o seu corpo criativo tornar-se mais negro. Longe do ideal, mas temos muito mais pessoas negras efetivamente trabalhando com audiovisual. Nesse espírito de mudança, o *Nada* foi contemplado – tardiamente, como suplente – e eu me senti muito especial por fazer parte de um momento importante da política pública, uma conquista. Nessa emoção que fui fazer o filme.

O *Nada*, ironicamente, é um filme de uma menina que basicamente rejeita a sua oportunidade no sistema público, no caso, a faculdade. Eu sempre adorei isso, essa liberdade vinda dessa escolha da Bia, a protagonista nomeada em homenagem à minha mãe, que passa por um momento de crise existencial na chegada da vida adulta. O *Nada*, para mim, fala do negro em um lugar de desobediência, que não é heróico. Essa ideia sempre me trouxe uma sensação de inspiração, como se o meu filme quisesse me ensinar algo. A Bia ecoava o *Bartleby*, de Herman Melville, e, nesse gesto, nessa conversa, eu queria – talvez ali até um tanto inconscientemente – reivindicar

uma humanidade do personagem negro no cinema. Eu tentava pensar o que seria essa voz negra em mim. O que seria, de fato, um cinema negro? Eu ainda não tenho essa resposta, mas a pergunta me levou ao filme *Marte Um*.

Foi um grande privilégio poder realizar um longa-metragem com um orçamento que, ainda que baixo para o desafio, foi certamente um motor profissional para todo mundo envolvido. Eu me orgulho muito do *Marte Um* ser fruto desse edital com seus parceiros *Um dia com Jerusa* e *Cabeça de Nego*, os outros contemplados, que são filmes muito pessoais e que refletem dentro e fora da tela um gesto de muita sinceridade das equipes e dos elencos. Ver o resultado desses projetos e entender, como realizador, todo o processo do meu filme, alimenta a sensação de que hoje, mais do que nunca, precisamos fomentar movimentos artísticos que realmente consigam carregar integridade e autorialidade no processo, que consigam criar efetivamente uma dinâmica de ampliação de percepção crítica da memória do nosso país por meio da arte. São incentivos como esses que desafiam um certo status quo de mercado (ainda que, em muitos casos, comprometidos por suas regras) e possibilitam um cântico realmente plural, um cenário efetivamente diverso e filmes que nos provocam densos olhares para a vida.

Eu já falei em alguns debates que, quando ganhamos o edital para fazer o *Marte Um*, senti que eu queria fazer um filme que dissesse que as pessoas negras podem ser o que quiserem. Esse desejo não era ingênuo, sem olhar a realidade de ser negro em um país historicamente racista. Era um voto para quem é artista negro, principalmente para os do cinema. Eu sentia, e ainda sinto, o nosso cinema semeando o que pode ser para o nosso futuro. Quando o filme finalmente estreou, senti que ele foi recebido como uma possibilidade tal como o planeta vermelho era para o nosso protagonista Deivinho. Esse sentimento me car-

Quando ganhamos o edital para fazer o *Marte Um*, senti que queria fazer um filme que dissesse que as pessoas negras podem ser o que quiserem. Sentia o nosso cinema semeando o que pode ser para o nosso futuro.

rega de energia e eu sinto que aqueles personagens, cada um a seu modo, alimentam imaginários possíveis para uma existência negra cinematográfica. Essa existência vem com uma série de ciladas inerentes a um sistema viciado, que renova o seu racismo, machismo e elitismo e que se vê constantemente em crise. Eu, pessoalmente, não vejo nas crises o desespero, mas uma possibilidade de abrir caminhos para futuros possíveis. Um entendimento de que não há construção sem a destruição.

Eu sou um cineasta romântico e muito afetuoso, apesar de, às vezes, me achar também um ser humano niilista, até cínico, fazendo um esforço para esse sentimento não destruir o sonho de cinema do Gabriel lá de trás, criança,

que queria criar mundos imaginários. Com o tempo, porém, vou respeitando o vaivém de sentimentos, me entendendo como uma pessoa ainda em busca de si mesma. Nesse ponto, eu me vejo muito conectado com o cinema brasileiro, com as suas intempéries. Sinto que agora vem vindo mais oportunidades. O espírito de abertura para o que vem pela frente deixa-me ansioso, ainda que, por vezes, aflito. Li hoje, durante a escrita deste texto, números preocupantes sobre as bilheterias de filmes brasileiros no mercado de 2023. Há trabalho a fazer, muito, em várias frentes. O que o tempo me mostrou, entretanto, e sou muito grato por isso, é que é possível sim fazer parte do cinema. É necessário fazer parte do cinema e lutar por ele! Nesta caminhada, sou muito feliz. ■



***GABRIEL MARTINS** NASCEU EM BELO HORIZONTE E RADICOU-SE NA PERIFERIA DE CONTAGEM. GRADUOU-SE NA ESCOLA LIVRE DE CINEMA/ BH E EM COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM CINEMA E VÍDEO, EM 2010, NO CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA. É SÓCIO FUNDADOR DA PRODUTORA FILMES DE PLÁSTICO, JUNTO A ANDRÉ NOVAIS OLIVEIRA, MAURÍLIO MARTINS E THIAGO MACÊDO CORREIA. DENTRE OS SEUS PRINCIPAIS TRABALHOS COMO DIRETOR ESTÃO OS CURTAS *RAPSÓDIA PARA O HOMEM NEGRO*, *NADA* E OS LONGAS-METRAGENS *NO CORAÇÃO DO MUNDO* (CODIRIGIDO POR MAURILIO MARTINS) E *MARÉ UM*, ESTE ÚLTIMO TENDO ALCANÇADO MAIS DE 100 MIL ESPECTADORES NO CINEMA E SENDO SELECIONADO PARA REPRESENTAR O BRASIL NA CORRIDA DO OSCAR 2023.

MARÉ UM